

O novo caminho dos investimentos

Apesar dos solavancos da economia, o mercado brasileiro é muito promissor e os investimentos previstos chegam a US\$ 369 bilhões

Jaime Matos*
de São Paulo

O desembarque de sucessivas crises externas à praia dos negócios brasileiros baniu do noticiário uma das marcas de maior êxito alcançada graças à estabilização da moeda: a maciça entrada de capitais produtivos. O ambiente ainda mais tumultuado depois da violenta guinada na política cambial tende a ficar menos turvo à medida em que as empresas absorvam a desvalorização do real, a cotação do dólar se ajuste e forem sendo aprovadas as reformas adiadas. Só aí ficará clara a disposição delas em iniciar, ampliar ou modernizar suas operações no mercado que, apesar dos solavancos, continua a ser o mais promissor do planeta.

Pela magnitude das cifras envolvidas não se pode simplesmente varrer o assunto para baixo do tapete. Afinal, o total dos projetos até o ano de 2003 passa dos US\$ 369 bilhões, distribuídos por 27 setores produtivos. O que se sabe de concreto até agora é que alguns cronogramas de investimentos foram revistos.

Os do governo federal são conhecidos. Nos projetos do Brasil em Ação – onde a participação oficial é de 18% das aplicações – cinco obras de infra-estrutura entram na lista: construção da terceira etapa da Rodovia do Mercosul (ligação Porto Alegre/Jaguarão/Urguiana) e pavimentação da BR 156 (Amapá), BR 230 (Pará), BR

317 (Acre) e BR 153/365 (Goiânia/Uberaba).

Até segunda ordem, está valendo a promessa de inversão de US\$ 4,8 bilhões para 22 projetos prioritários. A projeção das empresas estatais é de que aplicarão US\$ 8,23 bilhões nas áreas de petróleo/petroquímica, energia elétrica, transportes, setor financeiro e outros.

O caso dos investimentos dos governos estaduais é mais complicado, já que boa parte deles está na delicada situação de comprometer todo o caixa apenas para atender a folha de pagamentos e tentar pagar as dívidas com o governo federal. Ao final do primeiro mês do ano, uma segunda renegociação daquelas dívidas é apenas um projeto.

As empresas privadas nacionais formam o grupo mais cauteloso. Tanto pelo temor da taxa de juros, quanto num momento especial em que projetos de investimento que impliquem na importação de máquinas e equipamentos simplesmente ficam arquivados. Do lado das estrangeiras, que trouxeram US\$ 22 bilhões em 1998, a previsão é que cravem US\$ 18 bilhões neste ano. Esse é o terreno mais delicado, já que depende do restabelecimento da confiabilidade do Brasil, severamente arranhada.

O estoque de investimentos tem produzido até agora dois resultados. O mais notável deles é a desconcentração regional. São Paulo ainda lidera (veja o mapa) seguido do Rio de Janeiro. A Bahia desponta bem perto do segundo colocado. Pela or-

dem, vêm em seguida Paraná, Rio Grande do Sul – que têm modificado radicalmente o perfil produtivo e onde surgem novos pólos automotivos – e Minas Gerais, cujo crescimento tomou o rumo do sul do estado, via a duplicação da rodovia Fernão Dias. Do sétimo ao décimo lugar no ranking dos investimentos aparecem Pará, Ceará, Amazonas e Goiás, caracterizando a abertura na direção Centro-Oeste/Norte.

A desconcentração redesenha novos pólos regionais. O Amazonas lidera o Norte I que inclui Acre, Rondônia e Roraima, enquanto o Pará, à frente do Amapá e Tocantins, forma o Norte II. Maranhão e Piauí juntam-se no Meio-Norte. O Nordeste constitui-se de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas e o Ceará desgarra-se, com identidade própria. Bahia e Sergipe formam o polo seguinte. No novo mapa, outro destaque é o Centro-Oeste, liderado por Goiás e completado por Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Uma outra transformação importante é a destinação setorial, que tem garantido o fortalecimento da infraestrutura, pois mais de US\$ 200 bilhões dos projetos em andamento contemplam os setores de transportes, energia, serviços públicos e gerais e informática e telecomunicações. Uma ajuda e tanto para a eliminação do Custo Brasil, especialmente desejada agora, quando um caminho que se abre para o País é a retomada das exportações. ■

* Editor de Balanço Anual e
Atlas do Mercado Brasileiro

Para onde vão os recursos

(US\$ milhões - até 2003)

Por setores

Serviços Públicos	106.842,00
Química e Petroquímica	54.735,68
Transporte e Armazenagem	48.642,35
Serviços gerais	24.525,83
Autopeças e material de transporte	23.076,50
Metalurgia	14.226,50
Alimentos	13.758,45
Comunicação	12.449,30
Madeira/Móveis/Papel	12.130,90
Mineração	9.898,00
Financeiro	8.619,50
Construção	8.430,91
Informática e Telecomunicações	7.419,70
Bebidas e Fumo	6.869,84
Eletroeletrônica	3.830,90
Têxtil e Couro	3.329,37
Não-metálicos	2.471,60
Farmacêuticos/Higiene	2.310,19
Comércio varejista	1.669,40
Mecânica	1.508,74
Comércio atacadista	799,21
Distribuidores de veículos e peças	730,40
Plásticos e Borrachas	653,10
Cana/Açúcar/Álcool	179,63
Seguradoras	150,00
Comércio exterior	146,00
Diversos	7,00
Total	369.410,16

Por Estados



Notas:

- Este levantamento cobre todos os projetos dos setores público e privado, boa parte em andamento. O ano de 2003 foi fixado como o limite para os investimentos, embora a maioria deva estar concluída antes daquela data.
- Os totais dos investimentos por Estados e por Setores são diferentes. É que, no caso dos Estados, foram excluídos os investimentos cujo destino exato não fora identificado.

Fonte: Centro de Informações da Gazeta Mercantil